

Crime expõe fragilidade na escolta dos presos

17 SET 2003

MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

A invasão ao Hospital Regional do Gama (HRG) que resultou na morte de um policial também expôs a vida de funcionários e pacientes. Depois de assassinar o agente de polícia, o criminoso atirou cinco vezes durante a fuga. Atingiu paredes e janelas da unidade de saúde. A polícia ainda investiga se a intenção era resgatar ou matar um preso internado, mas o caso mostrou a fragilidade da segurança que acompanha detentos que necessitam de cuidados médicos na rede pública do Distrito Federal.

O diretor da Polícia Civil (PCDF), Laerte Bessa, admitiu ontem ao **Correio** que a instituição não tem condições de reforçar as equipes que fazem as escoltas dos presos. Normalmente, duplas cuidam do serviço, mas o número deveria ser maior. Pelo menos três, procedimento adotado para as pessoas que estão sob a custódia do Sistema

Penitenciário do DF. "É sempre necessário que se tenha o máximo, mas hoje temos condições de dispor apenas do mínimo", reconhece. Defasagem de pessoal na PCDF seria a razão, acrescenta Bessa.

Como alternativa, a direção da Polícia Civil criou uma escala para acompanhar os presos aos hospitais. Independentemente da delegacia que o detento esteja sob custódia, os agentes de todo o DF se revezam na guarda. "Não podemos escalar dois policiais de uma única delegacia para vigiar presos durante dias de internação", afirma Bessa.

Isso explica porque Nelsilvane Machado Pereira, 38 anos, morto durante a invasão ao HRG, na madrugada de segunda-feira, escoltava José de Carvalho de Correia, 41. Policial da 23ª DP, no P Norte, Ceilândia, Nelsilvane se ofereceu para vigiar, junto com outro policial, o acusado de tentativa de roubo a um malote com R\$ 100 mil de um posto de gasolina do Gama no início do mês.

Às 4h de segunda, três ho-

mens se passaram por médicos e entraram no setor de ortopedia do hospital para tentar encontrar José Correia. A operação não foi bem-sucedida. O agente Nelsilvane percebeu a chegada de um deles e tentou a abordagem, mas acabou levando dois tiros na altura do peito.

De acordo com fontes da PCDF, deveria haver uma escolta mais numerosa. Suspeita-se

que o preso faça parte de uma quadrilha de assaltantes de fora do Distrito Federal. Além disso, é foragido do presídio de Unaí (MG). "Deveria haver policiais na entrada do hospital para reforçar essa vigilância. Os agentes também deveriam estar usando coletes", revela a fonte.

Laerte Bessa afirmou que não houve erro de avaliação, mas o inquérito policial que apura a

morte do policial civil foi repassado ontem da 14ª DP (Gama) para a Delegacia de Repressão a Roubos (DRR). O secretário de Segurança Pública, Athos de Faria, admitiu durante o enterro do policial, no cemitério de Taguatinga, estudar alterações no sistema de escolta. Uma das propostas em análise seria a de policiais militares ajudarem na vigilância.



BANDIDO ATIROU CINCO VEZES DEPOIS DE MATAR O POLICIAL: VIDRO DE ENFERMARIA COM PACIENTES FOI ATINGIDO